



DIVULGAÇÃO



OLIVIER HOUËX

MALANDAIN BALLET BIARRITZ

Teatro Alfa
10 de setembro, quinta-feira, 21H
11 de setembro, sexta-feira, 21H

LE SANG DES ÉTOILES

Thierry Malandain

Marcha Egípcia, opus 335 (Johann Strauss)
Abertura com ares de baile.

Wenn mein Schatz Hochzeit macht (Gustav Mahler)
Desfile de ninfas.

Ging heut' morgen übers Feld (Gustav Mahler)
Outro desfile, em que Zeus surge para se unir à vida.

O Danúbio Azul, opus 314 (Johann Strauss)
A água, princípio da vida, símbolo do inconsciente e das motivações secretas; Zeus se traveste para seduzir Calisto.

Ich hab' ein glühendes Messer (Gustav Mahler)
A ira de Zeus apaziguada pela proximidade da ninfa.

Die zwei blauen Augen (Gustav Mahler)
Zeus conquista Calisto.

Unter Donner und Blitz, opus 324 (Johann Strauss)
A terra, símbolo da matéria e da fecundidade.

Ich bin der Welt abhanden gekommen (Gustav Mahler)
Calisto dá à luz Arcas e um duplo dele; este último irá testemunhar a ira de Hera, ciumenta esposa de Zeus.

España, opus 236 (Emile Waldteufel)
O fogo, símbolo da paixão e da ira; Hera condena Calisto a metamorfosear-se.

Urlicht (Gustav Mahler)
Antes da metamorfose, Calisto recorda.

Auf der Jagd, opus 373 (Johann Strauss)
Certo dia, ao caçar, o jovem Arcas depara com um urso.

Nun seh' ich wohl, warum so dunkle Flammen (Gustav Mahler)
Antes que Arcas possa desferir o golpe mortal, Zeus o transforma em urso, unindo-o à mãe no céu.

La Bayadère, Acte III (Andante nº 29) (Ludwig Minkus)
A constelação banha a noite em sangue celeste.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretor Presidente
José E. Mindlin
Vice-Presidente
Cláudio Sonder
Diretor Tesoureiro
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Diretor Secretário
Pedro Herz
Diretora Artística
Gioconda Bordon
Diretores
Fernando Carramaschi
Fernando Xavier Ferreira
Gérard Loeb
Jayme Sverner
Ricardo Luiz Becker
Roberto Crissiuma Mesquita
Superintendente
Gérald Perret

Conselho
José E. Mindlin Presidente
João Lara Mesquita Vice-Presidente
Milú Villela
Affonso Celso Pastore
Antonio Ermírio de Moraes
Carlos J. Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Henri-Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
José Luís de Freitas Valle
José M. Martinez Zaragoza
Mário Arthur Adler
Plínio José Marafon
Salim Taufic Schahin
Thomas Michael Lanz
Conselho Consultivo
Sylvia Kowarick
Alfredo N. Rizkallah
Hermann Wever

TEATRO ALFA

Presidente do Conselho de Administração
Aloysio de Andrade Faria
Diretores
Rubens Garcia Nunes
Fernando Pinto de Moura
Elizabeth Machado Superintendente
Gerente Técnico Operacional e de Programação
Fernando Guimarães
Coordenadora Administrativa/Financeira
Márcia Conrado
Assistente Administrativa/Financeira
Vandra Natalicia dos Santos
Assistente Administrativo
Márcio S. Lourenço
Coordenadora de Marketing
Sandra Aoki
Coordenador de Produção
Diogo Thomé Caldeira
Coordenador de Eventos
Nelson Solfredini
Patrocínios e Parcerias
Renata Mesquita
Centro de Documentação e Memória
Laura Silva
Coordenador Técnico
Haroldo Costanzo
Chefe de Máquina de Palco
Luis Henrique Santos Reis

Assistente de Áudio
Rodrigo Santos da Silva
Encarregado de Manutenção
Manassés Alves da Silva
Técnicos de Manutenção
José Flávio Bezerras de Lima
Oldemar Custódio Dourado
Chefe de Bilheteria
Margione Ferreira Tavares
Bilheteria
Edilene Santos de Araújo
Gabriela Jardim Araújo
William dos Reis
Supervisor de Segurança
Gislei Moraes Ferreira
Seguranças
Vanda Garcia da Silva
Edson Leotério Santos
Leandro A. de Lima
Estagiários
Julio Cesar Souza de Oliveira
Maria Aparecida de Paula Andrade
Maria da Conceição Carvalho da Silva
Pedro Aurélio Miranda Silva
Assessoria de Imprensa
Manoel Carlos Jr.
Quatro Elementos Comunicação & Marketing Cultural
Telefax: (11) 3661.2445 – 3667.9826
e-mail: manecojr@uol.com.br

APOIO



CAPA: FOTO DE JULIEN PALUIS

LE SANG DES ÉTOILES

MALANDAIN BALLET BIARRITZ
THIERRY MALANDAIN COREOGRAFIA

2009 SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA
ESPETÁCULO EXTRA-ASSINATURA

Malandain Ballet Biarritz

Criado em setembro de 1998 e sediado na bela Gare du Midi, a antiga estação ferroviária da cidade de Biarritz, no sudoeste da França, o Malandain Ballet Biarritz é uma companhia de dança que se dedica à releitura da tradição clássica em registro contemporâneo, sempre sob a direção do renomado bailarino e coreógrafo Thierry Malandain. Quer assumam forma abstrata ou narrativa, os espetáculos criados por Malandain para o Balé Biarritz privilegiam a pujança, o virtuosismo e a sensualidade do corpo humano em movimento: o homem e a dança estão no centro de sua premiada arte coreográfica.

Dez anos de atuação alçaram o Malandain Ballet Biarritz a renome internacional. O grupo realiza hoje entre oitenta e cem apresentações anuais, divididas entre a França e países como Espanha, Itália, Grã-Bretanha, Suíça, Canadá, Estados Unidos, China, Egito e Rússia, dentre outros.

Em 2006, a companhia excursionou pelos Estados Unidos, onde apresentou o espetáculo *Les Créatures*, no Joyce Theater de Nova York, e as *premières* norte-americanas de *Les Petits Riens* e *Don Juan*, no Royce Hall de Los Angeles. Nesse mesmo ano, o Balé Biarritz se apresentaria ainda em Madri, Pequim e Moscou, onde *L'Envol d'Icare*, criado na Ópera Nacional de Paris, receberia indicação para o prêmio "Benois de la Danse".

Um dos pontos altos do ano seguinte seria a turnê asiática do Malandain Ballet Biarritz, que conduziu o grupo pelos palcos de Hong Kong, Indonésia e Tailândia, onde mais de seis mil pessoas puderam assistir ao balé *Les Créatures*. Em 2008, a companhia retornaria a Nova York para apresentar *Le Portrait de l'Infante* e *L'Amour Sorcier*, espetáculos que receberiam o aplauso também do Grande Teatro de Luxemburgo e da "Expo Zaragoza 2008", na Espanha.

Em 2009, além de apresentações por França, Bélgica, Espanha, Itália, Suíça e Alemanha, o Malandain Ballet Biarritz recebeu ainda calorosa acolhida do público canadense. Em julho último, o "Festival des Arts de Saint-Sauveur" saudou com entusiasmo a apresentação de *Le Sang des Étoiles*, que o jornal *The Globe and Mail*, de Toronto, caracterizou como um balé "inovador, executado com beleza e concebido com grande imaginação".

Thierry Malandain

Nascido em 13 de abril de 1959, Thierry Malandain percorreu a trajetória natural de um bailarino clássico, marcada, porém, por uma grande afeição pelo experimento e por tenacidade fora do comum. Formado sob a orientação de nomes como Monique Le Dilly, René Bon, Daniel Franck, Gilbert Mayer e Raymond Franchetti, Malandain fez carreira como bailarino na Ópera de Paris (1977-78), no Ballet du Rhin (até 1980) e no Balé do Teatro Francês de Nancy (1980-86), no qual realizaria com sucesso suas primeiras experiências como coreógrafo.

Em 1986, ao deixar Nancy e dar por encerrada a carreira como bailarino, o artista fundou sua própria companhia, a "Temps Présent", sediada inicialmente em Elancourt e, depois, em Saint-Etienne. Ali, Malandain criaria várias de suas obras mais encenadas, tais como *La Fleur de Pierre* (1994), *Blé Noir* (1995) e *Ballet Mécanique* (1996). Prêmios diversos atestam seu sucesso como coreógrafo, bem como o da companhia à frente da qual o artista esteve por 12 anos, até ser nomeado diretor do "Centre Chorégraphique National — Ballet Biarritz", em 1998. Nascia então o Malandain Ballet Biarritz.

Ao todo, Thierry Malandain é autor de cerca de setenta coreografias, muitas das quais integram hoje o repertório de grandes companhias como, por exemplo, o Balé Nacional da Ópera de Paris, o Balé Real de Flandres, o Balé da Ópera San Carlo de Nápoles e o Balé Nacional de Bordeaux. Indicado duas vezes para o respeitado prêmio "Benois de la Danse", Malandain foi também agraciado em 1999 com a respeitada comenda francesa de "Chevalier des Arts et des Lettres".

Um balé de altíssimo nível, executado de forma sublime.
Le Figaro Magazine

A dança conduzida a um nível mais profundo de significado.
The Globe and Mail

O SANGUE DAS ESTRELAS

Dentre os astros que iluminam a abóbada celeste, a estrela polar desempenha papel de destaque na simbologia universal. Guia do homem ao coração das trevas, ela é também o centro em torno do qual tudo gravita. Não muito longe desse "umbigo do mundo", está a chamada Ursa Maior, constelação definida nas *Metamorfoses* de Ovídio como morada da ninfa Calisto, transformada em urso.

Conta o mito que Calisto, companheira da deusa Ártemis, um dia se vê obrigada a ceder às investidas apaixonadas de Zeus. Embora consiga manter o fato em segredo por algum tempo, seu estado é enfim descoberto. Ártemis, então, conta tudo a Hera, a ciumenta esposa do senhor do Olimpo. Pouco depois, Calisto dá à luz um filho. Hera, cega de raiva, transforma-a em urso, condenando-a a vagar pela floresta. Anos mais tarde, Calisto depara com um jovem caçador. Quando o rapaz está prestes a desferir-lhe golpe fatal, Calisto o reconhece: é seu filho, Arcas. Zeus, que testemunha toda a cena, desvia a flecha certa e decide unir mãe e filho no céu. Mas Hera, ofendida com tamanha honraria, convence Oceano a jamais acolher nem a Ursa Maior nem a Ursa Menor em suas águas. É por esse motivo que as duas constelações não conhecem repouso — gravitam sem descanso ao redor da estrela polar.

Desse mito greco-latino provém a história que apresenta seres mortais metamorfoseados em ursos. Agrada-me a ideia de vê-los ganhar o céu para, ali, gravitar sem fim. Mitologia à parte, sabemos que, há milênios, homem e urso compartilham território e recursos naturais — uma coexistência que favorece a crença de que o urso seria o *alter ego* do homem. Hoje sabemos que, na brancura imaculada do Pólo Norte, e no extremo da cadeia alimentar, o urso absorve em seu sangue os despojos de nossa despreocupação. Como ocorre com outras espécies, sua sobrevivência converteu-se numa parábola do nosso futuro.

No plano musical, a valsa é o gênero que me parece dar testemunho de nossa despreocupação, daquilo que costumamos associar ao prazer. A inconsequência, porém, que o arrebato produz confere-lhe uma dimensão trágica. "A música me arrasta às vezes como o mar", escreveu Charles Baudelaire. Pensava ele talvez em *O Danúbio Azul*, cuja voragem conduz os pares dançantes às profundezas do esquecimento?

Le Sang des Étoiles é um balé cósmico concebido em honra da natureza, mas é também um apelo para que, ao contrário do que lemos em Baudelaire, o homem possa deter a música e acolher em seus braços a natureza, como a uma mãe.

Thierry Malandain



malandain
ballet | biarritz

THIERRY MALANDAIN — COREOGRAFIA E DIREÇÃO

Bailarinos
Ione Miren Aguirre
Véronique Aniorde
Aureline Guillot
Miyuki Kanei
Sílvia Magalhães
Audrey Perrot
Magali Praud
Nathalie Verspecht
Giuseppe Chiavaro
Frederik Deberdt
Cédric Godefroid
Mikel Irurzun del Castillo
Fábio Lopes
Arnaud Mahouy
Thibault Taniou
Daniel Vizcayo

Cenário e Figurinos
Jorge Gallardo
Direção de Produção
e Iluminação
Jean-Claude Asquié

Mestres de Balé
Richard Coudray
Françoise Dubuc

Direção Geral
Oswald Roose

Técnicos de Iluminação
Frédéric Eujol
Christian Grossard

Assistente de Palco
Chloé Breneur

Técnico de Som
Jacques Vicassiau

Assistente de Figurino
Karine Prins